

CORDAS DA INCLUSÃO: TECENDO OS FIOS NECESSÁRIOS PARA INCLUIR CRIATIVAMENTE OS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA

Brena Santa Brígida Barbosa¹
Wanderléia Azevedo Medeiros Leitão²

RESUMO

A pesquisa foi desenvolvida em uma escola municipal de Belém, onde se investiga uma forma de sensibilizar a comunidade escolar para a inclusão de alunos público alvo da educação especial, bem como garantir qualidade nas relações sociais estabelecidas por esses sujeitos no ambiente escolar, dando ênfase ao caso de uma aluna com deficiência física (usuária de cadeira de rodas), a qual apresenta comprometimento na aprendizagem e fragilidades na autoestima. Foi realizada uma ação articulada entre a professora do Atendimento Educacional Especializado e os professores de Informática; Biblioteca e Salas Comuns do Ensino Regular, utilizando o filme “Cordas” para desenvolver atividades criativas com alunos do 1º ano ao 6º ano do ensino fundamental. Os registros da pesquisa compõem: observações em diário de bordo; fotografias; gravações de áudio e vídeo; ilustrações e escritos dos alunos. Esse material foi submetido à análise interpretativa, segundo diretrizes metodológicas de Antônio Severino. Conforme o prisma dos estudiosos: Lev Vygotsky; Albertina Martínez; González Rey e Rosita Carvalho constatou-se que o trabalho colaborativo é essencial para fomentar a sensibilização da comunidade escolar não somente para a inclusão, mas para qualquer tema que se deseje explorar neste ambiente. Embora seja evidente que essas ações precisam ser constantes na escola para que de fato contribuam para a valorização, a tolerância e o respeito à diversidade nas relações interpessoais estabelecidas por todos, inclusive promovendo transformações significativas na autoestima e bem-estar dos alunos com deficiência. Concluiu-se que essa ação repercutiu positivamente ao desconstruir as barreiras atitudinais que impedem a efetiva inclusão.

Palavras-chave: Educação Especial, Inclusão, Criatividade, Sensibilização.

INTRODUÇÃO

Esta proposta surgiu em de janeiro de 2019, durante a Jornada Pedagógica de uma escola municipal localizada na cidade de Belém, em um bairro caracterizado por uma grande vulnerabilidade social. Nesta oportunidade, foram desenvolvidas ações, como: reuniões; dinâmicas; palestras; elaboração coletiva do calendário anual de atividades e planejamento anual das disciplinas.

Com relação às atividades planejadas para o ano vigente, neste artigo destacar-se-á uma ação elaborada pela professora atuante no Atendimento Educacional Especializado (AEE) e desenvolvida em parceria com os professores e as professoras que atuam nas salas de: informática; biblioteca e comuns do ensino regular.

¹ Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas - Mestrado Profissional da Universidade Federal do Pará – UFPA, brenastabrigida@yahoo.com.br

² Doutora em Educação Especial pela Universidade de São Paulo - USP, wandyme@yahoo.com

Esta ação inclusiva foi composta por um conjunto de atividades que envolviam a imaginação e a criatividade, sendo direcionada para os alunos do 1º ano ao 6º ano do ensino fundamental da referida escola, com a finalidade de mobilizar e sensibilizar a comunidade escolar diante da questão da inclusão social e escolar dos alunos que constituem o público alvo da educação especial.

Foi observado e discutido que esses alunos já vivenciaram alguma situação de preconceito, falta de respeito e tolerância em ambientes sociais, seja na família, na vizinhança ou na escola. Como consequências dessas experiências desagradáveis, normalmente as pessoas desenvolvem reações negativas, como: agressividade; introspecção; autoflagelo; baixa autoestima; depressão, entre outras.

Tais percepções sinalizaram a urgente necessidade de promover situações e atividades coletivas que pudessem fomentar a sensibilização da comunidade escolar para a inclusão desse público, contribuindo para promover a valorização, a tolerância e o respeito à diversidade no ambiente escolar a fim de melhorar as relações interpessoais estabelecidas com todos os sujeitos envolvidos no processo. Possibilitando assim, mudanças na qualidade de vida social desses estudantes, as quais possam trazer benefícios para o bem-estar e autoestima dos mesmos.

Com o intuito de provocar uma sensibilização inicial na comunidade escolar, utilizou-se um curta metragem de origem espanhol chamado “Cuerdas” (cordas), muito conhecido no meio educacional por enfatizar a questão da inclusão de uma forma bem acessível a todos. Por meio da exibição e discussão do vídeo com as turmas e seus respectivos professores, buscou-se desenvolver atividades criativas que pudessem contemplar princípios inclusivos.

Portanto, reconhece-se a necessidade de realizar diversas ações que possam contribuir para o propósito da perspectiva inclusiva da educação, o que já vem sendo realizado pelas professoras atuantes no AEE da escola, no entanto esse não é objeto de estudo deste artigo, o qual se centraliza numa ação articulada entre professores por entender que é necessário desenvolver um trabalho colaborativo e que toda comunidade escolar precisa contribuir para uma sociedade mais inclusiva.

INCLUSÃO: COM QUANTOS FIOS SE FAZ UMA CORDA?

A partir da década de 1990 emergiu no Brasil - como reflexo das políticas públicas educacionais internacionais - um novo paradigma na educação especial, o qual se fundamenta na perspectiva da inclusão e propõe que os alunos com deficiência devem ser incluídos nas

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

classes comuns do ensino regular, sendo a eles oferecido atendimento especializado, como garante o artigo 208 da Constituição Federal de 1988: “Atendimento Educacional Especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino” (BRASIL, 1988) e a Lei nº 9.394/1996 Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a qual preconiza que os sistemas de ensino devem assegurar aos alunos currículo, métodos, recursos e organização específicos para atender às suas necessidades (BRASIL, 1996).

Este artigo não tem como objetivo ratificar o discurso sobre o direito de todos à educação e o respeito à diversidade, temas amplamente discutidos no contexto escolar com relação à educação especial, no entanto propõe-se uma reflexão sobre a referida área enquanto parte integrante das práticas escolares, envolvendo todos os profissionais que atuam na educação. Assim, é necessário ressignificar a escola enquanto espaço inclusivo, como argumenta Carvalho (2014):

A escola pode ser um espaço inclusivo se, nela, todos forem atores e autores. A observação procede porque nem todos os que trabalham no espaço escolar participam do processo decisório. Em outras palavras, nem todos (professores, funcionários, alunos, pais e representantes da comunidade escolar) participam do planejamento das atividades e, muito menos, das discussões em torno das funções políticas e sociais da escola e dos papéis de cada qual para a conscientização do pleno e integral desenvolvimento dos alunos (CARVALHO, 2014, p. 98).

Desse modo, compreende-se que todos esses sujeitos precisam participar do processo de inclusão, embora ainda prevaleça o mito de que somente o professor especialista em educação especial é preparado para lidar com esse contexto, atualmente deve-se ponderar que todos aqueles que trabalham no ambiente escolar ou que fazem parte da vivência de uma pessoa com deficiência – diria mais, toda sociedade – precisam superar seus medos e dificuldades para contribuir na inclusão social e escolar desses estudantes. Afinal, com quantos fios se faz uma corda? Ou melhor, com quantas mãos se faz a educação e a inclusão?

Entende-se que o trabalho colaborativo não se restringe em reunir um grupo de pessoas para executar uma tarefa, mas sim proporcionar o desenvolvimento de práticas pedagógicas que promovam uma parceria de trabalho entre profissionais da educação especial e profissionais do ensino regular, entre outros espaços educacionais, desencadeando estratégias coletivas e inclusivas, que possam envolver toda comunidade escolar.

DA CRIATIVIDADE À ATIVIDADE: TECENDO OS FIOS DA CORDA

No período de 15 a 19 de janeiro de 2018 ocorreu a Jornada Pedagógica da referida escola, na qual os professores elaboraram o calendário de atividades a serem desenvolvidas no decorrer do ano letivo junto à equipe técnica-pedagógica, bem como o planejamento anual das disciplinas, em grupos.

Para fins desse artigo, destacou-se uma ação elaborada pela professora atuante no Atendimento Educacional Especializado (AEE), a qual foi desenvolvida de forma colaborativa com os professores e as professoras que atuam na sala de informática; biblioteca e salas comuns do ensino regular, consistindo em um conjunto de atividades que envolviam a imaginação e a criatividade para sensibilizar os alunos do 1º ano ao 6º ano do ensino fundamental da referida escola quanto à temática da inclusão de alunos com deficiência.

Para Martinez (2006) a educação inclusiva representa uma mudança de paradigma que desafia o docente a transformar o seu trabalho pedagógico, a usar novas estratégias de ensino e compreender as singularidades da aprendizagem dos alunos com deficiência. Para tanto, é necessário se reconstruir enquanto profissional, utilizando-se da criatividade para inovar no trabalho pedagógico e favorecer a complexidade desse processo.

Ao planejar essa ação colaborativa, pensou-se no contexto da inclusão escolar e social dos alunos com deficiência atendidos nessa escola, visto que foi observado e discutido que esses alunos já vivenciaram alguma situação de preconceito, falta de respeito e tolerância em ambientes sociais, seja na família, na vizinhança ou na escola. Como consequências dessas experiências desagradáveis, normalmente as pessoas desenvolvem reações negativas, como: agressividade; introspecção; autoflagelo; baixa autoestima; depressão, entre outras.

Carvalho (2014) defende a importância de planejar e selecionar atividades apropriadas, que possam contribuir no processo de desenvolvimento integral dos alunos, acreditando que é necessário considerar as particularidades de cada indivíduo:

A seleção de atividades de ensino-aprendizagem, com maior valor educativo intrínseco, pode permitir ao aluno tomar decisões; assumir papel ativo como alguém que ‘dialoga’ com a realidade, investigando-a e estabelecendo relações com o saber pela redescoberta, e desenvolvendo a cultura do pensamento em sala de aula. Será, certamente, um processo lúdico e extremamente prazeroso, se as diferenças individuais forem reconhecidas e as atividades adequadas (CARVALHO, 2014, p.94).

Desta forma, defende-se que as ações sejam direcionadas para a inclusão deste público alvo no ambiente escolar, buscando não somente inseri-los no contexto da sala de aula regular

(fatores físicos, históricos, econômicos e políticos), mas garantir condições sociais, culturais, afetivas, emocionais, psicológicas e metodológicas que possibilitem sua vida escolar.

Conforme o plano elaborado na semana pedagógica, várias ações foram sendo desenvolvidas durante o ano, entretanto uma ação em especial despertou a atenção de todos, seja pela proposta de inclusão social e escolar, pela abrangência dos atores sociais ou pela natureza lúdica e criativa. Para Vygotsky (2014) atividade criativa é aquela que cria algo novo: a representação de um objeto do mundo exterior, a construção da mente ou do sentimento característico do ser humano.

Assim, em alusão ao dia do estudante, na tarde de 13 de agosto de 2018 (segunda-feira) iniciou-se uma atividade criativa para sensibilização à inclusão, contemplando treze turmas (do primeiro ao sexto ano do ensino fundamental) da escola em questão.

Figura 1: Professora do AEE conversando com as turmas.



Fonte: Barbosa (2019)

Na sala de informática, o trabalho foi desenvolvido com as turmas mencionadas, dividindo-as em cinco sessões durante a tarde. Inicialmente, houve um debate com os estudantes sobre a temática, buscando investigar o conhecimento prévio, bem como suas

expectativas a respeito do vídeo, pois segundo Carvalho (2014) é necessário investir em ações que não limitem os alunos:

Se nossas escolas pretendem evoluir, para converter-se em legítimas instituições de ensino-aprendizagem de orientação inclusiva, a adaptabilidade mecânica não pode bloquear as manifestações de curiosidade, criatividade e inventividade dos nossos alunos. Ao contrário, devem estimulá-los a aprender a aprender e ao exercício do pensamento divergente, que se opõe ao raciocínio linear, presente em quase todas as práticas educativas (CARVALHO, 2014, p.75).

Nesse sentido, observa-se a necessidade de rever as práticas educativas desenvolvidas nos ambientes escolares em vista de ressignificá-las em prol de uma orientação inclusiva, que contemple ações pedagógicas que estimulem o aluno a pensar, a questionar, a criar e o que mais o seu pensamento permitir.

Então, foi exibido um vídeo intitulado “Cordas” (versão em português), o qual retrata a história de um menino com Paralisia Cerebral, que encontra em Maria, sua colega do internato, possibilidades de vivenciar os princípios e os valores da inclusão, como: empatia; solidariedade; amor; mudanças atitudinais; ética; socialização etc.

Após a exibição do vídeo, os alunos foram provocados com alguns questionamentos sobre o filme, estimulando para que participassem ativamente da discussão e assim pudessem revelar o que compreenderam sobre a mensagem principal da história.

Em seguida, os alunos foram orientados a usar a imaginação e desenvolver um registro criativo do filme, podendo ser individual, em dupla ou em pequenos grupos, retratando a história por meio de desenhos, pinturas, colagem, frases, textos, poemas, entre outros.

Nesse sentido, incentivou-se o uso da imaginação por valorizá-la enquanto ferramenta importante para aprendizagem criativa, como defende Martínez (2014) “não se trata apenas de explicar-lhes qual a importância da imaginação no contexto escolar, mas de gerar espaços coletivos de reflexão vivencial que favoreçam a conscientização de seus próprios processos imaginativos” (MARTÍNEZ, 2014, p. 86).

Quanto à criação de grupos de alunos, considera-se muito relevante as atividades desenvolvidas em grupo, pois favorecem o processo educacional e as relações de cooperação, bem como pode contribuir de forma significativa para desenvolver mudanças de cunho atitudinal, pois segundo Vygotsky (1982) o sujeito é um ser histórico, cultural e social que se desenvolve nas relações sociais e interações com o meio, construindo assim aprendizados significativos.

Aos alunos foi permitido desenvolver essa atividade durante uma semana na sala de aula com o acompanhamento e orientação dos professores, para que no dia 17 de agosto de 2018 (sexta-feira), todas as produções pudessem ser entregues na biblioteca da escola ou recolhidas pelo profissional responsável por este espaço educativo.

Figura 2: Alunos finalizando as produções e a professora organizando as “cordas da inclusão”.



Fonte: Barbosa (2019)

Assim foi realizado e no dia combinado a professora da Biblioteca recolheu as produções dos alunos, as quais foram penduradas durante duas semanas em varais esticados nos corredores da escola em direção às salas de aula, formando assim as cordas da inclusão, conforme as figuras abaixo:

Figuras 3 e 4: Professoras e suas turmas expõem as produções nos corredores da escola.



Fonte: Barbosa (2019)

Após esse período, os trabalhos foram recolhidos pela professora do AEE e organizados em um portfólio, o qual foi explorado por meio de leituras e debates nos atendimentos, junto aos alunos com deficiência e seus familiares.

Figura 5: Reunião com os alunos e seus familiares.



Fonte: Barbosa (2019)

É válido ressaltar que as famílias, os alunos, os professores e demais envolvidos foram consultados e autorizaram formalmente a pesquisa, por meio do Termo de Livre Consentimento Esclarecido (TLCE), no entanto para manter o sigilo e a privacidade dos

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

sujeitos foi utilizado um método para não identificação das suas fisionomias, bem como seus nomes próprios não foram divulgados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os registros da pesquisa foram realizados por meio de: observações em diário de bordo da professora do AEE; fotografias; gravações de áudio e vídeo, bem como os escritos e ilustrações realizados pelos alunos. Esse material foi submetido à análise interpretativa, segundo diretrizes metodológicas de Antônio Severino (2007), que compreende a interpretação como: “tomar uma posição própria a respeito das ideias enunciadas, é superar a estrita mensagem do texto, é ler nas entrelinhas, é forçar o autor a um diálogo, é explorar a fecundidade das ideias expostas, é cotejá-las com outros, é dialogar com o autor” (SEVERINO, 2007, p. 94).

Desta forma, selecionaram-se algumas produções dos alunos, bem como alguns relatos dos sujeitos envolvidos durante a ação desenvolvida, buscando perceber suas compreensões e demais contribuições a respeito do tema abordado e as repercussões desse trabalho na dinâmica da comunidade escolar – no que tange os comportamentos dos alunos, as práticas pedagógicas e atitudes de profissionais e familiares - e na vida de uma aluna com deficiência.

Com relação às produções dos alunos, observou-se que muitas ilustrações retratam os personagens interagindo e brincando, sempre usando as cordas para realizar as atividades, seja na sala ou no pátio da escola, conforme as figuras abaixo:

Figura 6 e 7: Personagens interagindo por meio da corda.



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2019)

Figuras 8 e 9: Personagens brincando e utilizando a corda como recurso de inclusão.



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2019)

Com base nessas ilustrações, percebe-se que os alunos internalizaram a ideia de que é necessário incluir as pessoas com deficiência de todas as formas e em todos os ambientes, compreendendo que toda a comunidade escolar precisa fazer sua parte, inclusive os próprios alunos tem papel muito importante nesse processo de socialização e de inclusão. Nos momentos de brincadeira, por exemplo, quando conseguem ter empatia e respeito pelo outro, valorizando a essência e a cidadania de cada indivíduo.

Ao longo do desenvolvimento da ação foi possível observar tanto a importância do trabalho colaborativo para construção de um espaço verdadeiramente inclusivo, quanto o interesse das turmas em participar das atividades imaginativas e criativas, bem como a sensação de bem estar e emoção dos alunos com deficiência e satisfação de suas famílias por se sentirem contemplados nesta proposta coletiva. Sobre este aspecto, González Rey (2011) corrobora:

Constata-se que é preciso trabalhar os processos subjetivos e sociais das crianças com defeito como uma parte fundamental do processo de ensino. A proposta de escola inclusiva deve trabalhar essencialmente no resgate da cidadania e no desenvolvimento de espaços sociais que permitam o engajamento dos escolares com defeito em relações de simetria com os seus colegas. As atividades de relação, tanto docentes, como lúdicas ou de conteúdo social específico, como também análise grupal de uma questão, são fontes muito importantes para a emergência e desenvolvimento de configurações subjetivas geradoras de desenvolvimento nas crianças com defeito (GONZÁLEZ REY, 2011, p. 52).

É válido salientar que este foi o momento em que, pela primeira vez, toda comunidade escolar se engajou para planejar e desenvolver uma ação totalmente direcionada para inclusão

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

nesta escola, pois anteriormente essas atividades eram desenvolvidas somente pelas professoras atuantes no AEE, junto com a equipe de assessoria da secretaria de educação.

Segundo Tacca (2009) apud Vygotsky (1997) os espaços educativos que permitem as discussões e a colaboração são aqueles que priorizam o meio social como fator decisivo para a aprendizagem e desenvolvimento do sujeito. Portanto, faz-se necessário criar possibilidades de aprendizagem a partir de ações colaborativas.

Desta forma, essa experiência serviu para fomentar o anseio por novas oportunidades de interação, produção e aprendizagem. Fato comprovado nos discursos de algumas professoras que participaram da ação articulada: “A experiência foi muito produtiva, muito boa mesmo! Temos que fazer mais vezes! Os alunos ficaram concentrados e participaram de tudo... eles gostaram muito” [sic]; “ – Ah, os meus alunos ficaram encantados com o filme, eles se empolgaram pra fazer a atividade... se dedicaram mesmo!”[sic]; “Eu achei interessante que os trabalhos deles já estão quase duas semanas aqui, pendurados na parede, e estão intactos! Ninguém rasgou nada, eles estão tendo o maior cuidado. (risos)” [sic].

Esses relatos demonstram algumas mudanças atitudinais tanto nos professores quanto nos alunos, haja vista que é possível observar a sensibilização e a motivação por parte da docente em almejar dar continuidade ao trabalho colaborativo, bem como se percebem mudanças nos comportamentos dos alunos ao demonstrar ter mais zelo, apreço e cuidado pelo próximo e pela atividade produzida, a qual teve relevância na sua vida, caso contrário poderia não ter essa atitude. Fato reforçado nas palavras de Carvalho (2014):

Também faz parte do espaço escolar uma outra dimensão (quicá a mais significativa) e que inclui as atitudes daqueles que transitam, cotidianamente, no interior da escola. Este é o espaço atitudinal de enorme influência na percepção social do outro, e para organização do projeto curricular (CARVALHO, 2014, p. 96).

Com relação ao depoimento realizado pela aluna (com deficiência física, usuária de cadeira de rodas), estudante do 9º ano do ensino fundamental, após assistir ao filme cordas e demonstrar bastante emoção, destaca-se o trecho em que ela se refere a uma experiência antiga que vivenciou em outra escola em que estudava: “eu lembrei bem da minha história, por que quando eu cheguei na sala, tinham dois meninos... esses dois meninos fizeram a mesma coisa que esses dois outros fizeram, viraram a cadeira, viraram de costas pra mim, como se eu não fosse ninguém... simplesmente eu senti uma forte tristeza no coração (choro) isso só fez eu ficar triste! (pausa) E quando eu vim pra cá... que foi só alegria!” [sic].

Figura 10: Aluna registrando seu depoimento.

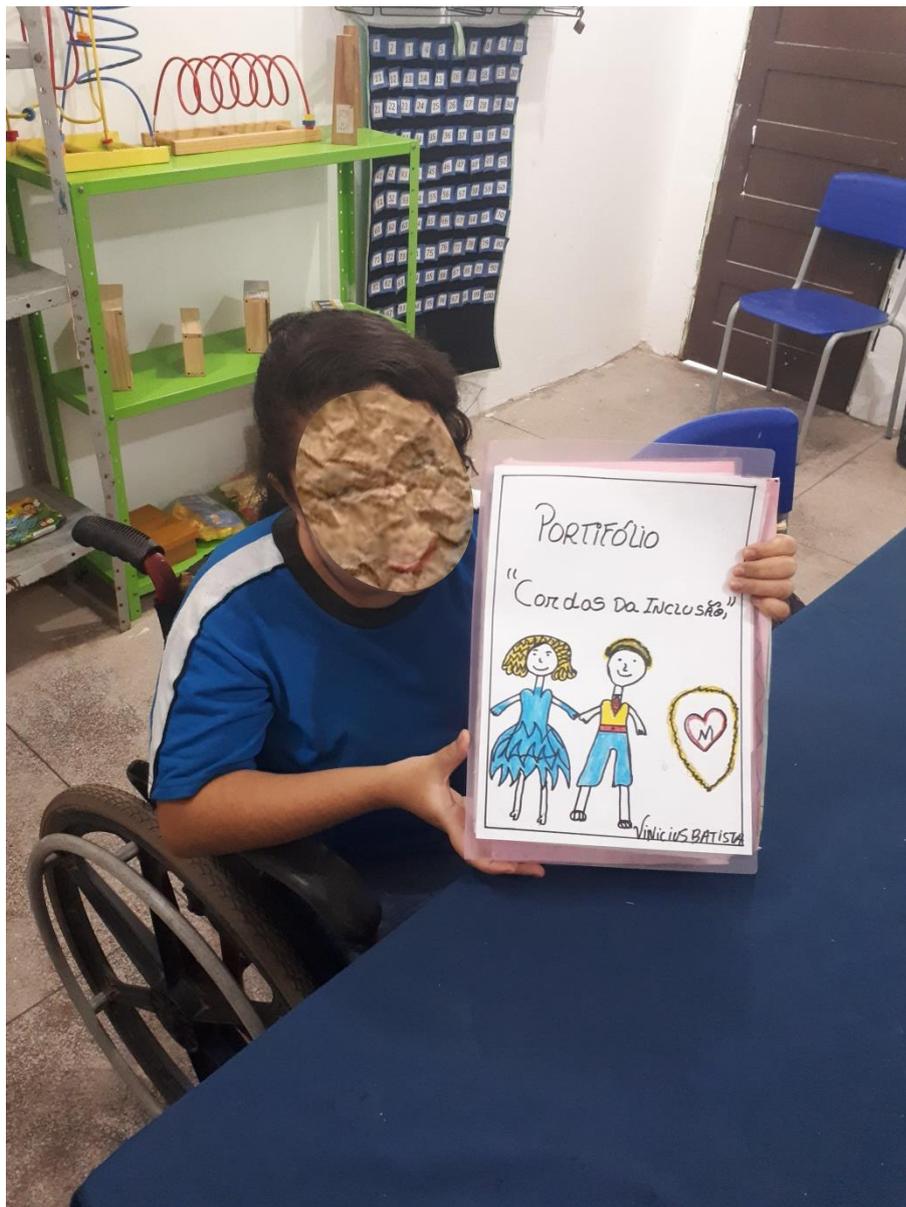


Fonte: Barbosa (2019)

Com base neste relato é possível constatar que esses alunos normalmente já vivenciaram alguma situação de preconceito, falta de respeito e tolerância no espaço escolar, tendo reações negativas como consequências dessas situações desagradáveis, tais como: agressividade; introspecção; autoflagelo; baixa autoestima; depressão, entre outras. Neste caso analisado, a aluna demonstra indícios de baixa autoestima e depressão, como traumas psicológicos que carrega na sua vida.

Vale ressaltar que desde o ano de 2016, quando a Sala de Recursos Multifuncionais foi implantada na escola e o Atendimento Educacional Especializado começou a acontecer, foram identificadas essas fragilidades na referida aluna e um trabalho já estava sendo desenvolvido pela professora do AEE, visando ajudar a estudante a superar seus medos, conflitos e dificuldades de aprendizagem. Logo, esta ação colaborativa veio para somar nesta perspectiva, bem como contemplar toda comunidade escolar.

Figura 11: Aluna apresentando o portfólio, fruto do trabalho realizado.



Fonte: Barbosa (2019)

Outro fator interessante de destacar foi a satisfação da família ao perceber a estratégia que estava sendo realizada na escola em prol de seus familiares, como é possível verificar no comentário de uma mãe ao apreciar a exposição dos trabalhos alusivos à inclusão: “É muito bom saber que a escola está aceitando e valorizando a minha filha... fiquei emocionada e feliz!” [sic].

Portanto, contatou-se que o trabalho colaborativo e criativo entre os professores e alunos é fundamental para fomentar a sensibilização da comunidade escolar não somente sobre a inclusão, mas sobre qualquer tema que se deseje explorar neste ambiente. Além disso, foi possível concluir que ações como esta, repercutem positivamente ao desconstruir as

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

barreiras atitudinais que impedem a efetiva inclusão, contemplando a valorização, a tolerância e o respeito à diversidade nas relações interpessoais estabelecidas pelos alunos com deficiência, inclusive promovendo transformações significativas na autoestima e bem-estar desses estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que para incluir efetivamente um aluno com deficiência na escola, não basta somente inseri-lo em sala de aula, sem proporcionar as condições necessárias para sua aprendizagem e socialização. É preciso superar as barreiras físicas, metodológicas, culturais, mas também as barreiras emocionais e atitudinais para efetivar a inclusão desses indivíduos.

Esta proposta de sensibilização à inclusão estimulou a imaginação, a criatividade, a socialização e a empatia dos estudantes ao realizar atividades muito significativas e contextualizadas, bem como proporcionou o desenvolvimento de habilidades sociais e elaboração de conteúdos atitudinais, que são essenciais para construção de valores e o estabelecimento de relações interpessoais saudáveis.

Além disso, a ação colaborativa foi enriquecedora tanto para os professores e demais profissionais da escola quanto para os alunos e suas famílias... Enfim, para toda comunidade escolar, pois eles demonstraram interesse ao participar de alguma forma deste trabalho, respeitando e valorizando a diversidade existente no ambiente escolar.

Entende-se que ações como esta, que envolvem a cooperação, a criatividade e a imaginação podem contribuir significativamente no contexto escolar para sensibilização referente à inclusão e beneficiar todos os atores desse processo, promovendo situações de bem-estar, respeito, tolerância, satisfação, que melhoram o clima organizacional, a prática docente, as relações interpessoais e a autoestima de alunos com deficiência, concretizando avanços rumo a uma sociedade inclusiva.

Portanto, acredita-se na relevância dessa pesquisa para o campo da Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva no sentido de contribuir com o processo de construção de uma escola inclusiva, que pense e realize ações direcionadas para a educação de qualidade para todos, fomentando assim, a necessidade de discutir, planejar e desenvolver novas iniciativas e pesquisas que venham ao encontro dos reais propósitos da inclusão.

REFERÊNCIAS

ANACHE, A. A, FERNANDES, V. L. P. Manifestações da criatividade no trabalho pedagógico do professor de artes visuais. **Revista da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**. V. 19, nº 1, São Paulo, jan – abr, 2015, p. 49 -57.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Imprensa Oficial, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LDBEN 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

CARVALHO, R. E. **Escola inclusiva: a reorganização do trabalho pedagógico**. 6 ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.

GONZÁLEZ REY, F.L. Os aspectos subjetivos no desenvolvimento de crianças com necessidades especiais: além dos limites concretos do defeito. In: MARTÍNEZ, A. M.; TACCA, M.C.V.R. (Orgs.) **Possibilidades de aprendizagem: ações pedagógicas para alunos com dificuldades e deficiência**. Campinas, São Paulo: Alínea, 2011, p. 47 – 70.

_____. A imaginação como produção subjetiva: as ideias e os modelos da produção intelectual. In: MARTÍNEZ, A. M., ÁLVAREZ, P. (Orgs.) **O sujeito que aprende: diálogo entre a psicanálise e o enfoque histórico-cultural**. Brasília: Líber Livros, 2014, p. 35 – 61.

MARTÍNEZ, A. M. Criatividade no trabalho pedagógico e criatividade na aprendizagem: uma relação necessária? In: TACCA, M. C. V. R. (Org.) **Aprendizagem e trabalho pedagógico**. Campinas: Alínea, 2006a, p. 69 – 94.

_____. Educação inclusiva desafios para escola. **VIII Encontro de Pesquisa em Educação da Região Centro-Oeste**, Cuiabá, 2006b.

_____, A. M. Vygotsky e a criatividade: novas leituras, novos desdobramentos. In: GUGLIA, Z. G; WECHSLER, S. M; BRAGOTTO, D. (Orgs.) **Da criatividade à inovação**. Campinas: Papyrus, 2009, p. 11 – 38.

_____, A. M. O lugar da imaginação na aprendizagem escolar: suas implicações para o trabalho pedagógico. In: MARTÍNEZ, A. M., ÁLVAREZ, P. (Orgs.) **O sujeito que aprende: diálogo entre a psicanálise e o enfoque histórico-cultural**. Brasília: Líber Livros, 2014, p. 63 – 97.

VYGOTSKY, L.S. **Obras Escogidas: problemas de psicologia geral**. Fuenlabrada - Madrid: Gráficas Rogar, 1982.

_____. **Imaginação e criatividade na infância**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.